

Fundos de investimento imobiliário estabilizam

O valor sob gestão dos fundos de investimento imobiliário (FII), especiais de investimento imobiliário (FEII) e de gestão de património imobiliário (FUNGEPI) atingiu 10 395,2 milhões de euros, menos 0,4% do que em junho. Os recuos aconteceram nos FEII e FUNGEPI. A Interfundos (13,0%), a Square AM (11,3%) e a Caixa Gestão de Ativos (9,2%) detinham as quotas de mercado mais elevadas.

Reditus aumenta lucros em 96%

A Reditus obteve um resultado líquido de 168 mil euros, no primeiro semestre, o que se traduziu num aumento de 96,5%, face a igual período do ano passado. O EBITDA cifrou-se em 1,3 milhões de euros, o que compara os dois milhões do exercício anterior. Os resultados operacionais registaram uma redução de mais de 19%, para 10 milhões de euros. A empresa teve a capacidade de captar novos clientes e foram adjudicados novos negócios, refere em comunicado à CMVM.

OUVIMOS OS ESPECIALISTAS

Pandemia será desafio maior que 11 de Setembro para bolsas mundiais

A 11 de setembro de 2001, cumprem-se hoje 19 anos, os ataques terroristas aos Estados Unidos foram um evento histórico para o mundo ocidental e mudaram muitos dos nossos comportamentos no dia a dia, a começar pelos controlos de que somos alvo nas viagens de avião. Para as economias e as bolsas, o 11 de Setembro foi, também, marcante. Neste período de pandemia de Covid-19, a “Vida Económica” perguntou a vários especialistas se os dois períodos são comparáveis. As respostas apontam para a existência de uma base comparável de clivagem e de receios nos investidores, mas o aviso é de que o mar que navegamos no presente é bem mais violento.

AQUILES PINTO
aquilespinto@vidaeconomica.pt

“O 11 de Setembro foi, logicamente, uma data marcante nas nossas vidas – por algum motivo todos nos recordamos onde estávamos e/ou o que fazíamos nesse fatídico dia que se verificou em 2001”, explica-nos João Lampreia, chief investment strategist do BiG. O especialista não considera, por isso, em resposta ao nosso jornal, que faça sentido falar num pré e pós-11 Setembro para os mercados bolsistas e economias mundiais. “Penso que se tratará inevitavelmente de uma assunção exagerada”.

A nossa fonte explica a sua opinião de que a economia americana já se encontrava em recessão antes do atentado, em resultado do colapso especulativo das empresas dot.com e que motivou uma quebra do investimento das empresas, rotação de inventários e retração do consumo. O atentado às torres gémeas de Nova Iorque conduziu à suspensão nos quatro dias subsequentes das bolsas norte-americanas, sendo que na reabertura da semana seguinte o índice S&P 500 registou uma desvalorização semanal acima dos 12%, mas essa perda global acabou por ser “totalmente recuperada” em pouco mais de um mês. João Lampreia recorda, além disso, que o mercado norte-americano já se encontrava em “bear market” (cenário pessimista e de tendência de queda) desde meados de 2000) devido ao já referido colapso das dot.com, pelo que



O 11 de Setembro e a pandemia são dois eventos marcantes em termos sociais, mas também económicos.

os ataques terroristas foram, no máximo, “uma espécie de ponto intermédio na fase descendente do mercado que vigorou até o início de 2003”. A intervenção militar norte-americana que se seguiu contribuiu também para alguma incerteza geopolítica, mas também em termos positivos para um maior vigor da generalidade da indústria norte-americana.

O chief investment strategist do BiG considera, pois, que o desafio que a pandemia coloca para a economia mundial e para os mercados financeiros “é incomparavelmente superior”. “O atual momento tem mais semelhanças com o observado no período da grande recessão de 2008-09 – a data de 15 de setembro de 2008 associada ao colapso da Lehman Brothers é outro evento que ficará marcado para sempre na história, ainda que não tenha a mesma dimensão psico-emocional e individual/coletiva que os eventos terroristas de 2001 e o coronavírus de 2020 acarretam”, indica João Lampreia.

A nossa fonte indica que não houve recurso a qualquer estímulo fiscal em 2001 (o emprego nos EUA não piorou por causa do colapso das torres gémeas) face a um estímulo sem precedentes de quase três biliões de dólares em 2020 para fazer face a um desemprego galopante. O desemprego nos EUA está acima dos 10%, a economia deverá registar uma contração em 2020

superior também a 10% e “a expectativa de uma recuperação rápida já foi dizimada, ainda que um ‘rebound’ letárgico e agonizante (à imagem dos anos 30 do século passado) também nos pareça um cenário descartado”.

João Lampreia considera que estamos num momento que irá “acelerar transformações” estruturais a nível da regulação económica, política, organizacional-laboral e ambiental. “Em Portugal

habitua-mo-nos excessivamente a uma linguagem de crise. Não tenhamos ilusões, a crise do novo coronavírus é definitivamente a ‘crise das nossas vidas’, por tudo o que representa e não se compadece com nenhum momento histórico do passado”, avisa a nossa fonte.

Pandemia com “receios idênticos”

Paulo Rosa, economista sénior do Banco Carregosa, que dedica a sua coluna desta semana (pág. 29) ao tema, destaca que as duas datas são “igualmente desafiantes” para a economia e para os mercados. “Os receios são idênticos perante o desconhecido do terrorismo, que não tem rosto nem país, e o novo coronavírus da Covid-19, sobre o qual ainda muito pouco se sabe e contra o qual não existe nenhuma vacina”, salienta.

Sobre o 11 de Setembro, a nossa fonte indica que se lhe seguiu “um novo normal”,

em que as pessoas se foram habituando a lidar com os fenómenos terroristas com menos receio e que aeroportos, cidades, museus, locais turísticos são agora muito mais vigiados. “Depois do 11 de Setembro falava-se muito de Israel e que esse país do Médio Oriente também tem bolsa e não fecha apesar dos conflitos armados diários e do terrorismo. O resto do mundo teve que aprender como o Médio Oriente depois do 11 de Setembro”, afirma Paulo Rosa.

Ataque terrorista foi avassalador

Francisco Alves, analista da corretora In-finox, considera que faz sentido falar num pré e num pós-11 de Setembro para os mercados bolsistas e economias mundiais, dado que, diz, tratou-se de “um evento avassalador” para os mercados bolsistas. Assistiu-se, indica o especialista, “a quedas abruptas das cotações” e a mudanças drásticas em todos os setores da economia e, por isso, “o início de uma nova fase”.

Também no atual período de pandemia do novo coronavírus há, de acordo com a mesma fonte, “volatilidades anormais”, levando a grandes movimentações dos mercados. “Apesar de termos observado uma boa recuperação da economia mundial, os investidores devem ter precaução, pois o vírus ainda está longe de estar controlado, podendo provocar mais uma queda nas cotações”, prevê Francisco Alves.

Covid-19 é mais desafiante

“A pandemia de Covid-19 tem sido, sem dúvida, um período muito mais desafiante para os mercados do que o 11 de Setembro”, de acordo com fonte da Sixty Degrees. “Nunca na história da humanidade se optou pelo confinamento quase global das populações, com efeitos nefastos e imediatos sobre as várias economias à volta do planeta. Além disso, acreditamos que parte desses efeitos negativos ainda estarão por se materializar, à medida que as medidas de apoio fiscal e monetário se forem esvanecendo”, acrescenta a mesma fonte.

Sobre os ataques terroristas, a entidade destaca as mudanças de liberdades individuais. “Acima de tudo, o 11 de Setembro acabou por resultar num aumento substancial do poder dos governos, enquanto solução para todos os problemas da sociedade, à custa dos contribuintes e da limitação das suas liberdades individuais”, salienta a fonte da corretora.

“Apesar disso, a economia americana conseguiu recuperar rapidamente deste evento e retomar o seu caminho de crescimento”, acrescenta. “Para os mercados bolsistas, o 11 de Setembro foi mais uma queda no meio do ‘bear market’ que havia iniciado em 2000. A decisão de suspender as transações, na bolsa de Nova Iorque, ajudou a acalmar a situação e a prevenir vendas em ‘modo pânico’”.